



PROJETO RONDON EXPERIÊNCIAS

Cidadania e Sustentabilidade



R MUNDO RONDON

Revista do Projeto Rondon

EDITORIAL



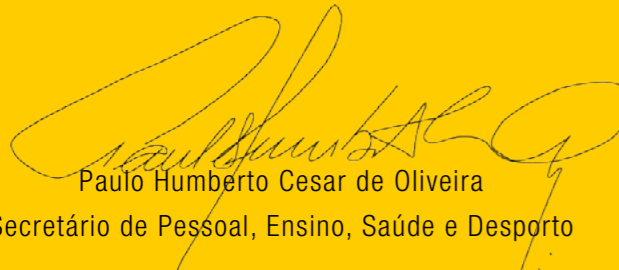
O Projeto Rondon é uma atividade educacional, um exercício de cidadania mas, mais do que isso, é um plantio de esperanças.

Ao levar jovens universitários, elite da juventude do País, para regiões onde a desigualdade social faz-se presente, a fim de conhecerem intimamente uma realidade distante da sua e de descobrirem um Brasil pouco visível aos olhos da sociedade, apostamos em um futuro, no qual acreditamos que esses universitários farão a diferença.

O Projeto Rondon procura atingir corações e mentes desses jovens cidadãos. Mostra-lhes a responsabilidade que têm de mudar o que presenciaram e de serem os vetores da transformação da so-

ciudadade brasileira.

O que mais nos anima é ver que esses objetivos vêm sendo conquistados. Prova disso são as histórias contadas nesta edição da Revista, por quem viveu intensamente o Projeto Rondon.


Paulo Humberto Cesar de Oliveira
Secretário de Pessoal, Ensino, Saúde e Desporto

EXPEDIENTE

Ano IV, 4ª Edição, 2019

A revista não se responsabiliza por artigos e opiniões assinadas. As matérias podem ser reproduzidas, desde que mencionada a fonte.

Ministro de Estado da Defesa

Fernando Azevedo e Silva

Secretário-Geral

Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos

Secretário de Pessoal, Ensino, Saúde e Desporto

Paulo Humberto César de Oliveira

Coordenador-Geral do Projeto Rondon

Vice-Almirante Luiz Octávio Barros Coutinho

Gerente do Projeto Rondon

Coronel Ernesto Primo Aragão Barros

Coordenação de Comunicação Social do Projeto Rondon

Coronel Alexandre Scholtz
Lediane Aparecida Alves de Queiroz

Projeto Gráfico e Diagramação

Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Defesa

Edição e Revisão

Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Defesa

Endereço para correspondência
Ministério da Defesa, Esplanada dos Ministérios, Bloco Q
Protocolo. CEP: 70049-900
Brasília – DF
Tel.: (61) 2023-9320

Tiragem: 5 mil exemplares

ÍNDICE

A EXPERIÊNCIA DE SER UMA RONDONISTA

Carmem Silvia Corrêa Bueno

06

PROJETO RONDON: UMA LIÇÃO DE VIDA E DE CIDADANIA

Joyce dos Santos Barros, Maria Rosa da Silva, Ewerton Amorim dos Santos

08

A OPERAÇÃO PANTANAL DO PROJETO RONDON E

A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA TERENA

Jaqueline Antonello

10

BAGAGEM DE VOLTA: NOSSA PASSAGEM PELO ESTADO DO PIAUÍ, MAIS PRECISAMENTE POR CABECEIRAS DO PIAUÍ¹

Daniela Regina Kommers, Leonir Terezinha Uhde

11

UM HISTÓRICO DE PARTICIPAÇÃO NAS OPERAÇÕES DO PROJETO RONDON

Emi Rainildes Lorenzetti, Silvano Redon

14

PROJETO RONDON OPERAÇÃO TOCANTINS: OFICINA “UM PÉ DE QUÊ” E A RELEVÂNCIA PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL

Antônio Rêgo da Silva Júnior, Franciely de Oliveira Ancelmo, Náira Jamille Silva Araújo

17

UMA VIDA DEDICADA AO JORNALISMO

Jornalista Saulo Gomes

22

HORTA NA ESCOLA: APRENDENDO NA PRÁTICA O CULTIVO DA BOA ALIMENTAÇÃO

Ana Paula Born (Rondonista e acadêmica de Relações Públicas da UFSM-FW)

Roniberto Farias (Rondonista e acadêmico de Agronomia da UFSM-FW)

Gizelli Moiano de Paula (Rondonista e professora da UFSM-FW)

24

UM ANJO FARDADO

Fábio Bentes Freire

26

Gostaríamos de saber como o Projeto Rondon mudou a sua vida.
Envie sua história para projeto.rondon@defesa.gov.br



A EXPERIÊNCIA DE SER UMA RONDONISTA

CARMEM SILVIA CORRÊA BUENO



Foto: Acervo do Projeto Rondon

Avontade de levar estudantes ao interior do País surgiu em 1966, em uma reunião com a participação de unidades universitárias na cidade do Rio de Janeiro, no então Estado da Guanabara. Em 1967, docentes e discentes dessas unidades foram ao antigo Território Federal de Rondônia, hoje Estado.

Ao retornarem, iniciaram o movimento, dando-lhe o nome de Projeto Rondon, em homenagem ao Marechal Cândido Rondon, personagem que muito contribuiu para a assimilação intelectual, da flora e da fauna, dos minerais, dos povos e biomas da Ama-

zônia e do Oeste brasileiros.

Em junho de 1968 foi criado o Grupo de Trabalho Projeto Rondon (vinculado ao então Ministério do Interior), conforme Decreto 62.927/1968, com a finalidade de promover estágios de serviço para estudantes universitários, objetivando conduzi-los a participar de um processo de integração nacional.

Ainda em 1968, o Projeto expandiu-se pela Amazônia, para onde foram transportados, como voluntários, os jovens universitários. Durante o período em que se manteve em atividade, integrando a estrutura institucional do Governo, o Projeto Rondon envolveu

mais de 350 mil universitários, homens e mulheres, em todas as regiões do Brasil.

O Projeto foi relançado em 2004, com um grupo de trabalho interministerial coordenado pelo Ministério da Defesa. Entre os seus objetivos destacam-se: contribuir para o desenvolvimento da cidadania, para o desenvolvimento sustentável, para o bem-estar social e para a qualidade de vida nas comunidades carentes, usando as habilidades de graduandos de diversos cursos universitários.

Passados 52 anos do início do Projeto Rondon, dentro dos seus objetivos, é bom lembrar que há 41 anos tive a oportunidade de participar de operações do Projeto Campus Avançado, por duas vezes: em 1978, quando cursava o último ano de Geografia na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro-SP. Anteriormente, em duas operações regionais, no Estado de São Paulo.

Assim, como universitária rondonista, atuei em Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre em duas Operações - Operação nº 84, em 05 de maio de 1978 e Operação nº 90 em 28 de novembro de 1978, ambas com 40 dias de atuação. Apreciando as atividades desenvolvidas durante as operações, já

percebia àquela época a importância dos trabalhos junto às comunidades, principalmente na aplicação dos conhecimentos e das políticas públicas setoriais, a objetivar o atendimento de suas necessidades específicas, em lugares tão longínquos do nosso imenso País.

Na minha percepção, um dos efeitos positivos do Projeto foi ver de perto o rincão acreano da Amazônia, com o seu ecossistema e seus habitantes, porém, sem telefone, sem satélite, sem rodovias, usando embarcações rudimentares, energia elétrica sofrível, saneamento, água, saúde e educação precárias e, mesmo assim, conseguindo colher informações para uso próprio e também para equipes de outras operações, em uma estratégia de trabalho que conciliava os objetivos do Projeto Rondon. Impulsionadas pelo tempo, essas deficiências vêm sendo sanadas, mas ainda há muito a ser feito.

Mudei de Rio Claro-SP, minha cidade natal, para Rio Branco-AC, a fim de exercer o magistério na Universidade Federal do Acre (UFAC), de 1980 a 1994. Em 1980, tive a oportunidade de, juntamente com outros colegas, participar de uma nova operação do Projeto Rondon, desta vez em Xapuri-AC, como professora.

Visitando reservas extrativistas e, também, conhecendo a história da



Foto: Acervo do Projeto Rondon

Intendência Boliviana, pude sentir a realidade da região acreana. Lembro que na UFAC havia um curso de heveicultura que, além da parte acadêmica, dava assistência técnica aos seringueiros, com o objetivo de melhorar a qualidade da seiva extraída da seringueira (*Hevea brasiliensis*), matéria prima para produção da borracha.

Nessa vivência, foi possível constatar a necessidade de tolerância zero nas práticas e políticas de preservação ambiental. Os esforços, sacrifícios

e destemores dos rondonistas (alunos e professores) foram inseridos na contribuição para atingir os objetivos do Projeto Rondon.

As operações davam ao estudante a responsabilidade moral e social e, principalmente, o intercâmbio de conhecimentos entre as instituições de ensino superior, governos locais e lideranças comunitárias, ainda hoje presentes nos objetivos do Projeto Rondon. A reconfiguração do modelo adotado preserva a cidadania e a aplicação de políticas socioambientais.

A experiência dos rondonistas, como protagonistas e narradores, é importante em todos os aspectos de nossa vida acadêmica e profissional, consolidando conhecimento e solidariedade, e, assim, o Projeto Rondon mantém-se como uma excelente experiência prática de extensão universitária no Brasil, ao se propôr a construir uma sociedade consciente, justa e cidadã.

Brasília, 30 de junho de 2019.

A Autora é doutora em Geografia, foi professora das Universidades Federal do Acre e Federal do Ceará.



Foto: Acervo do Projeto Rondon

PROJETO RONDON: UMA LIÇÃO DE VIDA E DE CIDADANIA

JOYCE DOS SANTOS BARROS¹
MARIA ROSA DA SILVA²
EWERTON AMORIM DOS SANTOS²

O Projeto Rondon é uma ação do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Defesa, que tem por finalidade viabilizar a participação do estudante universitário nos processos de desenvolvimento local sustentável e de fortalecimento da cidadania. (GUIA DO RONDONISTA, 2017). Através da oportunidade conquistada pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, com a participação na “Operação Palmares”, pude fazer parte do maior projeto de extensão universitária no Brasil, e modificar totalmente minha prática profissional.

Fato muito relevante para o sucesso da edição do Projeto Rondon, foi a concessão, pelo 59º Batalhão de Infantaria (Maceió), de treze militares, entre sargentos e oficiais, com o objetivo de acompanhar as equipes durante todo o processo em cada cidade. Eles foram de grande importância no auxílio às equipes de rondonistas, estabelecendo elos com as comunidades locais e reportando as necessidades à sua unidade. A presença de cada militar junto das comunidades foi uma espécie de tônico: uma garantia de segurança e de confiança. Eles são chamados de “anjos” nesse projeto e selecionados com muito cuidado. Esses militares são escolhidos pelos superiores, pelo seu comportamento e empatia com as pessoas e são encarados como ídolos

pelos populações.

Ao iniciar a programação da Operação Palmares, um fato que chamou a atenção dos rondonistas foi a imensa adesão ao projeto e a participação ativa de toda a comunidade em todas as oficinas. Inicialmente, a faixa etária seria considerada pré-requisito para as oficinas, porém, com essa adesão espontânea, foi permitida a participação de quem estivesse presente, de crianças a idosos. Essa adesão também nos fez repensar na duplicação de algumas oficinas, e exigiu readequação dos horários dos responsáveis pelas instruções e dos materiais utilizados durante as atividades.

Diante das inúmeras situações vivenciadas na realidade do interior alagoano, existia a necessidade de uma formação não apenas focada no desenvolvimento de habilidades em procedimentos e no trabalho individual, mas também de habilidades críticas, reflexivas, criativas, de responsabilidade e autonomia para, dessa forma, inserir no mercado de trabalho profissionais preparados para atuar com esses diferentes contextos em que a Universidade está inserida (ISADORA, CADOREL, e ROSSO, 2010).

Outro fato importante a ser considerado e registrado foram as trocas de conhecimento entre os integrantes das equipes, visto que as mesmas foram constituídas por acadêmicos de

diferentes universidades e de diferentes áreas.

Foi notável a contribuição para a formação do universitário como cidadão através da integração e da imersão nesse processo de desenvolvimento nacional, a partir do conhecimento da realidade de uma cidade de pequeno porte que representasse grande parte da realidade brasileira.

No decorrer do projeto, houve consolidação do sentido de responsabilidade coletiva em prol da cidadania. Foi evidente o estímulo à criação de vínculos com a comunidade assistida, desenvolvendo o sentimento de fazer parte da mudança social, além da repercussão positiva que o projeto causou na cidade. Por meio das ações realizadas, houve grande contribuição para a melhoria das condições de vida e bem-estar da população do município assistido. Espera-se que os efeitos sejam duradouros para a economia, a saúde, a educação e o meio ambiente. A presença de cidadãos multiplicadores do conhecimento durante todas as ações realizadas foi bastante representativa.

O projeto contribuiu para minha formação enquanto universitária e cidadã, com ações que ajudaram a consolidar minha prática por meio do conhecimento da realidade do país, assim como o sentido de responsabilidade social e coletiva, que me estimulou para a produção de projetos voltados à comunidade local. O melhor dos ganhos: nossa equipe pôde cooperar para a melhoria das condições de vida e de bem-estar da população daquele município que nos recebeu.



Essa foto mostra uma das oficinas, quando foi necessário o remanejamento da sala de aula para a quadra de uma outra escola próxima, devido à quantidade de participantes, que ultrapassou a estrutura proposta inicialmente. A oficina de curativos foi muito bem recebida pela comunidade, inclusive por alguns profissionais da saúde.

Equipe UNCISAL e nosso “Anjo”

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Autor correspondente: Campus Governador Lamenha Filho. Rua Doutor Jorge de Lima, 113 – Trapiche da Barra- 57010-382. E-mail: joyceyeshua95@gmail.com

²Docente na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL)

A OPERAÇÃO PANTANAL DO PROJETO RONDON E A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA TERENA

Vocês são como anjos, sabia? Anjos que vieram para cá só para ajudar a gente!

JAQUELINE ANTONELLO

Foi com essa frase, literalmente com essa frase, que uma senhora chamada Janina, professora alfabetizadora de língua materna indígena, marcou, de maneira profunda, toda minha experiência rondonista na Operação Pantanal em Dois Irmãos do Buriti – MS, ensinando-me lições de vida, cidadania e humanização que levarei no coração para sempre.

Paranaense, acadêmica de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – campus Francisco Beltrão – e rondonista, cheguei ao estado do Mato Grosso do Sul ansiosa pelas trocas culturais e de conhecimentos com a comunidade buritiense. Mal sabia que, depois de algumas semanas intensas, voltaria para casa transformada, mais política e mais humana.

Sáimos do Paraná como um grupo 'multicampi' e interdisciplinar do Conjunto A, formado por oito acadêmicas da Unioeste, um professor e uma professora coordenadora, para nos encontrarmos, em Campo Grande - MS, com um grupo maravilhoso de rondonistas do Rio Grande do Sul, responsáveis pelo Conjunto B, formado por dois acadêmicos, seis acadêmicas, um professor e uma professora coordenadora do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai (IDEAU) – campus Getúlio Vargas. Rapidamente, deixamos de ser UNIOESTE e IDEAU para nos tornarmos algo maior, melhor e mais bonito: Projeto Rondon. Logo entendemos que não havia uma separação entre Conjunto A e Conjunto B, mas uma união de atividades que tornaria a Operação Pantanal rica e interdisciplinar.

Em uma dessas misturas entre os

grupos, tive a honra de planejar e participar de uma oficina de informática, desenvolvida com o objetivo de ajudar a comunidade buritiense com programas como Word, Power Point e Excel. Essa oficina foi realizada algumas vezes e em diferentes locais, dentre os quais a Aldeia Água Azul, comunidade indígena próxima de Dois Irmãos do Buriti, para onde nos deslocamos a fim de promover a participação dos membros da aldeia nas atividades do Projeto Rondon.

Durante a realização dessa oficina, tive o prazer de ficar ao lado de uma mulher que, respeitosamente, chamo de Dona Janina. Pensei que a ajudaria a fazer alguns slides e a organizar uma planilha. Como me enganei! Foi ela quem me ajudou! Ajudou-me a olhar o mundo com mais gratidão, a entender a história da aldeia e do povo Terena e a perceber que, por pequenos gestos, podemos fazer a diferença na vida do outro.

Depois de muita conversa e de descobrir que aquela admirável senhora era professora alfabetizadora de Língua Terena, senti-me tocada pelas palavras de uma mulher forte e batalhadora que, junto com a sua comunidade, continua tentando preservar aquilo que tem de

mais valioso: a sua identidade e a sua cultura.

Em certo momento do diálogo, Dona Janina ficou em silêncio, olhou-me nos olhos, segurou minha mão e disse que a escola em que estávamos naquele momento só se encontrava de pé porque, na década de 1980, um grupo de estudantes havia visitado a comunidade e ajudado a encaminhar a burocracia necessária para a abertura da instituição. Após esse relato emocionado, disse-me que achava que não estaria viva para ver uma experiência como aquela se repetindo, e que tinha muita sorte por ainda estar. Apertando um pouco mais a minha mão, essa digna senhora explicou que cada um de nós, rondonistas, éramos anjos, que assim como aqueles anjos de 1980, havíamos chegado em Mato Grosso do Sul para ajudar e fazer o bem. O sentimento foi mais forte que qualquer razão e não tive como não chorar. Hoje, quase um ano depois da Operação Pantanal, só consigo pensar no que respondi para a Dona Janina e reafirmar que anjos não são somente os rondonistas, mas também, com certeza, as pessoas com quem tivemos contato e que, à sua maneira, nos ensinaram a sermos mais humanos a cada dia.

Foto: Acervo do Projeto Rondon



BAGAGEM DE VOLTA: NOSSA PASSAGEM PELO ESTADO DO PIAUÍ, MAIS PRECISAMENTE POR CABECEIRAS DO PIAUÍ

**DANIELA REGINA KOMMERS,
LEONIR TEREZINHA UHDE**

Introdução

A operação Parnaíba do projeto Rondon, aconteceu no estado do Piauí em 2019, a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) desenvolveu as atividades do conjunto de Ações B: Comunicação, Tecnologia e Produção, Meio Ambiente e Trabalho, com o Projeto "Ações multidisciplinares: construção de soluções para o desenvolvimento com sustentabilidade e fortalecimento da cidadania, bem-estar social e qualidade de vida", no município de Cabeceiras do Piauí/PI. O município localiza-se no norte piauiense, na microrregião do baixo Parnaíba, com mais de 608 mil quilômetros quadrados e uma população em torno de 10 mil habitantes. "O projeto Rondon é desenvolvido pelo Ministério da Defesa, em parceria com governos estaduais, municipais e Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas, tem os objetivos de contribuir para a formação dos universitários e para o desenvolvimento das comunidades atendidas." (Ministério da Defesa, 2019).

O objetivo deste trabalho é relatar a preparação pré-operação Parnaíba do Projeto Rondon, a experiência obtida durante a operação e sua importância para a formação acadêmica e cidadã.

Metodologia

O projeto da Unijuí foi coordenado pelos professores Leonir Terezinha Uhde, Maria Aparecida de Carvalho Zasso e Felipe Libardoni, do Departamento de Estudos Agrários (DEAg). A professora Leonir realizou uma viagem precursora para o município onde o grupo desenvolveria as atividades, no período de 23 a 29 de setembro de 2018, com o objetivo de conhecer as lideranças do município, a organização de alojamentos e de transporte, as características da região e da cidade e os possíveis pontos a melhorar; realizar registro em fotos e reuniões com os secretários municipais; apresentar o plano de trabalho e fazer as adequações necessárias. A operação do projeto Rondon aconteceu no período de 18 de janeiro a 03 de fevereiro de 2019.

Como método de preparação para a operação Parnaíba, além das reuniões de capacitação, fo-

ram realizados dois projetos-pilotos no município de Ijuí (município sede da UNIJUÍ), o primeiro no bairro Getúlio Vargas (zona urbana) e o segundo no Distrito de Itaí (zona rural). Os projetos-pilotos colaboraram para colocar em prática os métodos de exposição das oficinas realizadas pelos rondonistas, para auxiliar as mudanças nas comunidades e para realizar o contato com integrantes das comunidades.

No dia 21 de janeiro, já presentes no município de Cabeceiras do Piauí, rondonistas e professores de ambas as instituições reuniram-se com representantes do município para fazer os últimos ajustes das atividades previstas. Entre esses estavam: o Secretário de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente, o representante do Secretário de Educação, o Secretário de Esportes, a Secretária de Assistência Social e a Secretária da Saúde. Os alunos do curso de agronomia da UNIJUÍ participaram das seguintes oficinas nas comunidades visitadas: "Horta vertical", "Repelente para insetos", "Compostagem", "Cobertura de solo", "Inseticidas e fungicidas naturais" e "Riscos da realização de queimadas". As oficinas fo-

ram realizadas em 20 povoados, cujas necessidades foram consideradas e problemas existentes foram priorizados. As oficinas sobre hortas verticais e repelente caseiro foram realizadas na prática, mas nem todas as oficinas puderam ser realizadas em cada povoado visitado devido à restrição de tempo. Em algumas localidades, principalmente naquelas com maior número de participantes, as oficinas foram apresentadas simultaneamente e o próprio participante escolhia a oficina ou a área do conhecimento que lhe era de interesse. A UNIJUI realizou atividades juntamente com a Universidade de São Paulo/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (USP/EERP SP), que era responsável pelas atividades do Conjunto de Ações A. Deve ser destacado que as duas universidades deslocaram-se juntas até os povoados, onde intercalavam as ações, as quais eram sempre colocadas em cronograma, em reuniões diárias. Ou seja, os dois grupos reuniam-se e decidiam como a equipe seria dividida e como a programação funcionaria no próximo dia.

Resultados e Discussão

Os participantes relataram as dificuldades provenientes da escassez de chuvas, o fato das frutas da região não serem usadas para a produção de doces e geleias, a falta de assistência técnica e de tecnologias no campo e a incerteza em relação à produção dos cultivos em razão da falta de água. As oficinas, então, mostraram algumas formas de amenizar essas dificuldades, tais como: o melhor aproveitamento da água disponível, usando hortas verticais com garrafas e o uso de palhada sobre o solo cultivado, a fim de reduzir



Oficinas sobre horta vertical e repelente para insetos.

as perdas pela evaporação.

“A extensão universitária proporciona a troca de experiência e de aprendizagem que beneficia não só a comunidade, mas também serve como uma lição de vida e de cidadania para os acadêmicos e professores.” (CLEMENTE, 2011, p. 173). Também foi realizado um diagnóstico geral da cidade, através de caminhada pelas ruas, onde foram visitadas lojas agropecuárias e uma granja de suínos, que ficava próxima ao local. Pôde ser observado que há falta de assistência técnica aos agricultores da região, venda de produtos sem diagnóstico das plantas e animais nos quais serão usados, problemas com pulgas e carrapatos, com o uso incorreto de dessecantes agrícolas e descarte incorreto de embalagens de produtos agropecuários. Algo que chamou a atenção foi a carência de infor-

mações das comunidades atendidas. Outro objetivo das oficinas, portanto, foi tentar auxiliar nessa questão, trazendo elementos à respeito dos pontos de maior dificuldade no município. O interesse demonstrado pelas comunidades acerca dos assuntos abordados nas oficinas foi bem grande. Geralmente realizavam perguntas ou lançavam contribuições a respeito das temáticas abordadas e sobre o que já haviam vivenciado na região.

A troca de informações entre os integrantes das duas universidades também contribuiu para nossa formação, visto que a equipe era formada por estudantes de diferentes áreas do conhecimento e diferentes experiências de vida. O projeto permitiu aprofundar as habilidades de trabalho em equipe e contribuiu muito tanto para a formação individual como do grupo.



Foto: Acervo do Projeto Rondon

Considerações Finais

Participar do projeto Rondon foi um sonho realizado. Eu já acompanhava a divulgação das operações anteriores e conhecia colegas que haviam participado do projeto e sempre imaginava como seria viver essa experiência, ter a oportunidade de conhecer culturas e costumes diferentes, assim como outro bioma e outras paisagens. Sem dúvida, ser recebida de braços abertos pela comunidade, ser reconhecida na rua pelas roupas de rondonista, ser cha-

mada para falar sobre o projeto é uma vivência única. Em alguns momentos, aprendemos muito mais do que ensinamos, vivenciamos vários sentimentos em poucos dias e nos tornamos mais cidadãos. O projeto me permitiu ter mais consciência da realidade brasileira e a valorizar coisas que antes, talvez, passavam despercebidas.

Palavras-chave: Projeto Rondon; Cidadania; Extensão.

Keywords: Rondon Project, citizenship; extension.



Foto: Acervo do Projeto Rondon

Povoado de Saquarema, em Cabeceiras do Piauí, após a realização das oficinas.

Referências

- ANDRETTA, Juliana. Projeto Rondon: extensionistas iniciam as atividades no Piauí. Disponível em: <<https://www.unijui.edu.br/comunica/institucional/31152-projeto-rondon-extensionistas-iniciam-as-atividades-no-piaui-projeto-rondon-extensionistas-iniciam-as-atividades-no-piaui>> Acesso em: 10 mar. 2019.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Projeto Rondon. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/programas-sociais/projeto-rondon>> Acesso em: 18 mai. 2019.
- CLEMENTE, Claudelir Corrêa, et al. Projeto Rondon: Relato de experiência na cidade de Murici, Alagoas. Em Extensão, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 167-178, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20619/10982>> Acesso em: 18 mai. 2019.
- Integrantes do Projeto Rondon realizam preparativos para a Operação Parnaíba. Disponível em: <<https://www.unijui.edu.br/comunica/extendao/30920-integrantes-do-projeto-rondon-realizam-preparativos-para-a-operacao-parnaiba>> Acesso em: 20 abr. 2019.

UM HISTÓRICO DE PARTICIPAÇÃO NAS OPERAÇÕES DO PROJETO RONDON

EMI RAINILDES LORENZETTI
SILVANO REDON

O Instituto Federal do Paraná (IFPR), instituição “multicampi”, com mais de 21 mil alunos na modalidade de ensino presencial, 13 mil alunos na modalidade de ensino a distância e 1300 docentes distribuídos nas suas 26 unidades (Assis Chateaubriand, Astorga, Barracão, Campo Largo, Capanema, Cascavel, Colombo, Coronel Vivida, Curitiba, Foz do Iguaçu, Goioerê, Irati, Ivaiporã, Jacarezinho, Jaguariaíva, Londrina, Palmas, Paranaguá, Paranaíba, Pinhais, Pitanga, Quedas do Iguaçu, Telêmaco Borba, Umuarama e União da Vitória) vêm participando continuamente do Projeto Rondon desde o ano 2016, situação que vai ao encontro das suas políticas internas com relação ao fortalecimento das ações de extensão por meio de editais de fomento, pela maior visibilidade às ações extensionistas e pelo entendimento da sua importância para a efetivação do compromisso social das instituições de ensino superior.

No referido ano, 2016, o IFPR, por meio do Campus Palmas, participou da Operação Itapemirim, no estado do Espírito Santo, município de Ibitirama. Nesse município, entre as diversas atividades desenvolvidas, foram realizadas ações na área do saneamento, como um sistema de fossa de baixo custo em relação ao convencional, baseado em modelo previamente desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pes-

quisa Agropecuária (EMBRAPA), e modificado para as realidades dos pequenos produtores locais, bem como uma série de atividades numa escola que utiliza a metodologia da Pedagogia da Alternância, forma diferenciada daquela que é vivida pelos acadêmicos do Campus Palmas. Além da Operação coordenada pelo Ministério da Defesa, também em 2016, o campus participou da Operação Portal do Oeste, coordenada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), nos municípios de Seara, Itá, Arabutã e Xaxim. A partir de então, houve a construção de uma identidade coletiva que associa o Campus Palmas ao Projeto Rondon.

O retorno trazido pelos professores coordenadores e pelos acadêmicos quando às duas operações foi importante para a criação e a institucionalização, já no ano de 2017, do Núcleo Extensionista Rondon IFPR (NER IFPR). Trata-se de um espaço não apenas físico, para a guarda de documentos e materiais obtidos por meio de editais internos de fomento à pesquisa e de extensão e utilizados na capacitação dos acadêmicos, mas também de um ambiente no qual os alunos podem se encontrar para falar sobre suas experiências como rondonistas. É também um espaço destinado à formação continuada, onde são elaborados os projetos para a participação dos editais lançados pelo Ministério da Defesa e

criadas e aperfeiçoadas as oficinas que serão trabalhadas nas localidades selecionadas para receber as operações. Por meio do Núcleo, os acadêmicos que participam das operações continuam atuando como rondonistas, tanto em atividades de extensão realizadas no município de Palmas, como por meio da sua participação em eventos, publicação de artigos e apresentação de trabalhos.

Para a construção da identidade coletiva que pudesse fomentar e manter o sentimento de pertencimento ao Projeto Rondon entre cerca de 60 alunos envolvidos, foi criada uma ‘logo’, específica para o NER IFPR, pelos próprios acadêmicos, além de uma bandeira que sempre é levada às operações juntamente à bandeira oficial da instituição.

Entre as realizações do NER IFPR, além da participação nas Operações Rondon, destacam-se: as atividades realizadas nas escolas de Palmas, as ações desenvolvidas em parceria com a prefeitura e com o Serviço Social do Comércio do Paraná (SESC - PR), a revitalização de praças, a realização de atividades ecológicas, como o Pé na Trilha (ação desenvolvida com as comunidades interna e externa ao Campus Palmas e que está em sua terceira edição), além de ações realizadas dentro do próprio Campus, entre outras. Com relação a eventos acadêmicos, destacam-se: a parti-

cipação no Congresso Rondon, no Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, no Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Extensão do Paraná e no Congresso Nacional de Educação, entre outros. O Núcleo também conta com um bolsista que auxilia na organização dos documentos e materiais, na manutenção das suas redes sociais (FACEBOOK e INSTAGRAM), e nas demais atividades realizadas.

Em 2017, durante a Operação Tocantins, no estado do Tocantins, foi realizado, entre as demais atividades, um treinamento através do uso da bomba d’água ecológica, ou carneiro hidráulico, no município de Novo Acordo. Trata-se de um equipamento simples e barato, confeccionado com materiais fa-



Foto: Acervo do Projeto Rondon

Operação Itapemirim



Foto: Acervo do Projeto Rondon

encontrados em casas de construção ou em locais de descarte, e que usa a energia resultante do volume, pressão e velocidade da água de rios e reservatórios naturais ou artificiais para transportar a água por meio de pontos distintos e que, posteriormente, foi premiado em uma edição do Congresso do Projeto Rondon.

A Operação Rondônia Cinquentário, realizada no estado de Rondônia em 2017 e que comemorou os cinquenta anos do Projeto Rondon, permitiu aos acadêmicos do NER IFPR participarem do projeto na região em que aconteceu a primeira Operação Rondon, em 1967, e também “guardar” o tempo, suas metas e sonhos em uma cápsula enterrada nos jardins do Memorial Rondon, em Porto Velho, e que será aberta no seu centenário. Nessa Operação, o município que acolheu a equipe do Campus Palmas foi o de Campo Novo de Rondônia, inserido na região da floresta amazônica, razão pela qual optou-se, em diferentes momentos, por uma abordagem próxima a etnobotânica, área multidisciplinar vinculada aos saberes populares. Também em 2017, houve a participação dos rondonistas do NER IFPR na Operação Caminhos do Sul, coordenada pela Udesc, com atuação nos municípios de Braço do Norte, Criciúma, Tubarão e Laguna - SC.

Em 2018, o Campus Palmas participou da Operação Pantanal, realizada no estado do Mato Grosso do Sul. Para essa Operação, entre as diversas atividades promovidas pelos acadêmicos rondonistas, destaca-se a organização e a realização da Formação Pedagógica da rede municipal de Bodoquena. Além disso, pela primeira vez, houve a participação da equipe

do Campus Palmas no evento de encerramento da Operação, juntamente à Universidade Federal de São João del Rey (UFSJ), parceira das atividades no município de Bodoquena. No mesmo ano, também houve a participação de alunos do IFPR na Operação Rondon Paraná, organizada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), nos municípios do sudoeste paranaense. Por fim, o NER IFPR teve o projeto selecionado e está se organizando para a Operação Vale do Acre, realizada no estado do Acre. A cidade de Xapuri fará a acolhida da equipe que atuará juntamente à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Dessa forma, somam-se oito operações que tiveram a participação do Campus Palmas do IFPR por meio do seu Núcleo Extensionista: cinco delas coordenadas pelo Ministério da Defesa, duas coordenadas pela UDESC e uma pela UEPG.

As diferentes operações trouxeram aos acadêmicos a possibilidade de sentir algo muito presente em experiências relatadas por antropólogos: a afetação. Trata-se da experiência de ser tocado por aquilo que afeta o outro nas suas vivências mais cotidianas e pessoais, demonstrando que as operações Rondon não têm um fim em si mesmas: elas ultrapassam quaisquer formas de imediatismo. Embora seus objetivos estejam postos de maneira explícita, entre eles, promover o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida em comunidades em situação de vulnerabilidade e contribuir para a formação ética, humana, cidadã e responsável do universitário, o Projeto Rondon, numa leitura do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss (2005) acerca da troca dádiva, traz o aspecto essencial da

reciprocidade, e permite uma forma de sociabilidade e de interação para além da sua organização burocrática e estatal, condições necessárias para a sua realização. Desse modo, os ensinamentos acadêmicos que os universitários levam para as localidades que recebem as operações, e que são somados às experiências, vivências e conhecimentos dos moradores de tais localidades, transcendem aspectos práticos com finalidades materiais.

O Projeto Rondon implica num sistema de vínculos e de trocas de saberes, experiências, agradecimentos, convites e histórias com as pessoas presentes e futuras, por meio da atuação dos multiplicadores, que aprendem os conhecimentos gerados por ocasião das operações e, posteriormente, os transmitem. Num contexto fortemente marcado por aproximações e associações utilitaristas, o Projeto Rondon acena com a possibilidade de relações que priorizam o coletivo e a cooperação mútua, aspectos importantes para a manutenção e aperfeiçoamento da vida social.

Referências Bibliográficas

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SANTOS, E. Projeto Rondon: lição de vida e de cidadania. Revista Da Cultura, ano XI, n. 21. Disponível em <http://www.funceb.org.br/images/revista/24_1t8w.pdf>. Acesso em 16 de junho de 2017.

PROJETO RONDON OPERAÇÃO TOCANTINS: OFICINA “UM PÉ DE QUÊ” E A RELEVÂNCIA PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL.

**ANTÔNIO RÊGO DA SILVA JÚNIOR
FRANCIELY DE OLIVEIRA ANCELMO
NÁIRA JAMILLE SILVA ARAÚJO**

Sabe-se que um dos principais propósitos do Projeto Rondon é desenvolver benefícios permanentes nas comunidades e consolidar no universitário o sentido de responsabilidade social. Para cumprir tais objetivos, a equipe de alunos do conjunto B da Universidade de Brasília, que esteve presente na Operação Tocantins, realizada em janeiro de 2017, aplicou para a população do município de Marianópolis do Tocantins a oficina “Um pé de quê”. Essa oficina consistiu em demonstrar a importância e a funcionalidade de frutos típicos da região à população local, como forma de valorizar o conhecimento popular, aliado ao estímulo da utilização desses frutos de maneira sustentável e através de inúmeras possibilidades.

A ideia da oficina foi inspi-

rada em um programa televisivo com o mesmo nome, exibido pelo canal Futura, que tratava sobre as árvores brasileiras: sua história e tudo que pode ser obtido através da extração de sua raiz, caule, folhas, frutos e flores. O principal objetivo do programa, e também da oficina, é de aproximar as árvores da vida dos espectadores e dos moradores da região em que elas se encontram.

O Estado do Tocantins possui vasta extensão territorial e encontra-se na zona de transição geográfica entre o cerrado e a floresta amazônica, tendo uma grande variedade de espécies nativas de árvores e frutos com elevado valor nutricional e possibilidades de aproveitamento. O Município no qual a equipe trabalhou durante a Operação Tocantins foi Marianópolis do Tocantins, situado a 185 quilômetros da capital Palmas e

com uma população de aproximadamente 4.352 habitantes (IBGE, 2010) divididos em zona urbana e dois assentamentos: Manchete e Piracema.

A primeira missão da oficina começou na viagem precursora, quando o professor coordenador responsabilizou-se por observar e dialogar com os moradores do município sobre os frutos que mais brotavam naquela região: o murici, o pequi, o caju e a mangaba.

Com a informação em mãos, os rondonistas começaram os preparativos para colocar a metodologia em prática. Para situar o grupo sobre a utilização dos frutos, foram disponibilizadas quatro receitas: a do bolo de murici, do pavê de caju, do casadinho de mangaba e do pão de queijo de pequi. Após trabalhar com as receitas, o grupo concluiu que utilizar a culinária com os frutos

da região do Tocantins seria uma oportunidade muito mais próxima e didática de trabalhar a partir da realidade dos moradores do município, além de ajudar a fomentar a valorização da cultura local.

Chegando à localidade e dando início às oficinas, o primeiro desafio foi o de conseguir público. Esse obstáculo fez com que a equipe tivesse que readaptar a maneira de captar pessoas interessadas, inclusive para a oficina “um pé de quê?”. A primeira estratégia de captação foi divulgar para os moradores de Marianópolis do Tocantins a programação das oficinas, os cartazes sobre o Projeto Rondon e as propostas que seriam implementadas. Mesmo assim, não foi fácil conseguir o engajamento dos moradores. A equipe decidiu, então, capacitar um grupo específico e, seguindo o posicionamento do Projeto Rondon, trabalhar com multiplicadores. Os rondonistas iniciaram o trabalho com a capacitação das merendeiras do colégio David Rolins, instituição responsável pelos ensinamentos fundamentais e médio do município.

Em parceria com um rondonista da equipe do conjunto A, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi incluído na oficina um diálogo sobre boas práticas na cozinha. Dessa forma, a oficina foi enriquecida, mantendo na sua essência a valorização dos frutos e espécies da região, além de incluir a importância de falar das boas práticas na cozinha, já que o público em ques-

tão eram as merendeiras das escolas. A primeira parte da oficina abordou assuntos relacionados à postura na cozinha, ressaltando pontos como a importância de ter cuidados com os utensílios, com o ambiente e sobre a maneira correta de lavar as mãos.

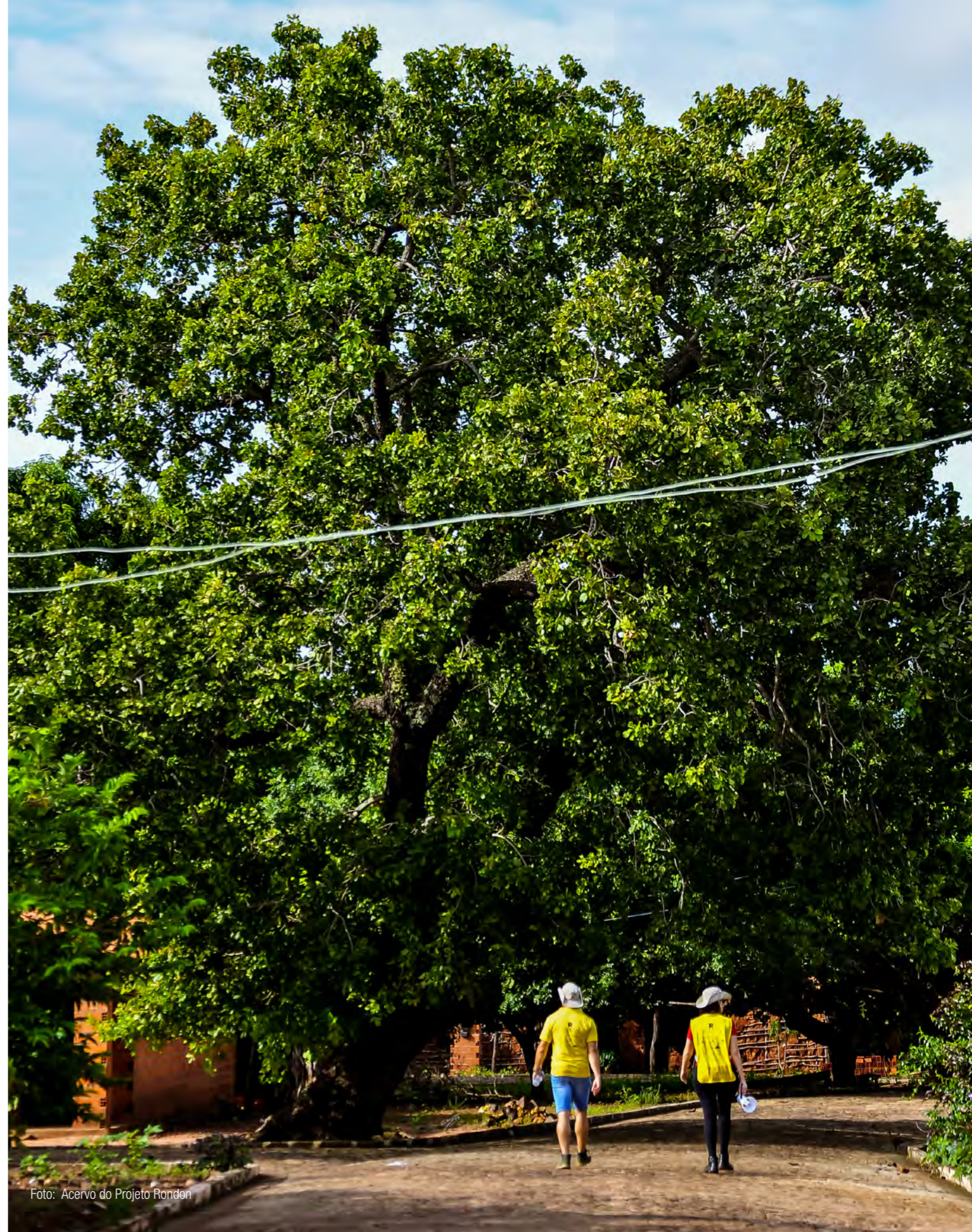
A segunda parte foi voltada para “um pé de quê?”, que falou sobre os frutos da região, sobre as árvores e sobre a importância de sua preservação. Por último, juntamente com as merendeiras, a equipe uniu as boas práticas na cozinha com a receita do bolo de murici, que resultou em total sucesso. As merendeiras, apesar de conhecerem o fruto, não conheciam receitas que o utilizassem e tiveram uma experiência completamente nova em preparar o bolo. Ao final, todas receberam um folder com receitas dos quatro frutos mais abundantes do município de Marianópolis do Tocantins.

Depois da primeira experiência, a notícia do bolo de murici espalhou-se pelo município e a demanda, tanto pela oficina “Um pé de quê?” quanto pelo folder com as receitas, aumentou. Com isso, percebeu-se que a população do município ficou muito mais envolvida com a oficina quando descobriram que ela utilizou uma metodologia cotidiana, no caso, a técnica de cozinhar. Também foi possível notar que a aproximação com a realidade do município e a flexibilidade dos rondonistas em se adaptar à rotina e aos costumes dos moradores fez com que o potencial da ofi-

cina fosse melhor aproveitado e seus objetivos alcançados.

A oficina realizada pelos rondonistas segue a perspectiva de Paulo Freire. Nesse sentido, utiliza recursos inerentes ao contexto de vida dos sujeitos de Marianópolis, valorizando os saberes da população, que implica na liberdade de escolha e na seletividade de alimentos saudáveis, ampliando a crítica acerca do consumismo desenfreado, que ocasiona a ingestão de alimentos industrializados, resultando em doenças crônicas para a população. Assim, a oficina obteve uma conotação horizontalizada, propiciando que, no decorrer das atividades, o conhecimento prévio das cozinheiras pudessem nortear as ações, de forma a fazer suas escolhas no modo de preparo e no tempo gasto para produzir o alimento.

A experiência vivida através da Operação Tocantins muito contribuiu com diversos aspectos referentes à oficina e à adequação da metodologia por parte dos rondonistas. O legado mais importante foi a propagação de valores e hábitos alimentares regionais e culturais. O contato com a flora local promoveu, ainda, a reflexão crítica de valorização da cultura e dos frutos da região. Além de todos os benefícios propiciados pela oficina, valores sustentáveis foram agregados aos indivíduos envolvidos e fez com que se tornassem protagonistas de mudanças e multiplicadores na região, atendendo os objetivos do Projeto Rondon.



PROJETO RONDON



UMA VIDA DEDICADA AO JORNALISMO

JORNALISTA SAULO GOMES

O Projeto Rondon, criado em 1967, permaneceu em franca atividade durante as décadas de 1970 e 1980, tornando-se conhecido em todo Brasil.

Como jornalista, participei da equipe de São Paulo, que contava com 140 universitários das áreas de medicina, arquitetura, engenharia, assistência social, odontologia e outras, para prestar assistência à população pobre do Maranhão em diversos setores.

No final dos anos 80, o Projeto deixou de receber prioridade no Governo Federal, sendo extinto em 1989, pelo próprio José Sarney, agora presidente da República.

Com a ajuda do governo estadual, eu enviava para a TV Tupi os filmes em 16mm, que eram colocados no ar na programação jornalística diária da emissora.

Sem dúvida, essa foi a minha maior reportagem do ano de 1969, premiada com louvor, e que faz parte do meu currículo profissional.

Os benefícios levados a cada comunidade pobre do Maranhão foram extraordinários: vacinação em massa, certidões de nascimento, alfabetização, tratamento dentário, além da constru-



Foto: Acervo Jornalista Saulo Gomes

No final dos anos 80, o Projeto deixou de receber prioridade no Governo Federal, sendo extinto em 1989, pelo próprio José Sarney, agora presidente da República.

Com a ajuda do governo estadual, eu enviava para a TV Tupi os filmes em 16mm, que eram colocados no ar na programação jornalística diária da emissora.

Sem dúvida, essa foi a minha maior reportagem do ano de 1969, premiada com louvor, e que faz parte do meu currículo profissional.

Saad.

Imagens de todas as atividades emolduraram as entrevistas, com destaque para pequenas cirurgias feitas pela equipe de medicina, inclusive partos, em três cidades do estado.

Em um pequeno hospital da cidade de Pedreiras, documentamos o nascimento do filho do prefeito, que, em homenagem ao Projeto Rondon, recebeu o nome de Kleber Rondon Carvalho Branco.

Para nos locomovermos de uma lo-



Foto: Acervo Jornalista Saulo Gomes

calidade a outra, utilizávamos jangada, barcos, trem e até caminhão pau-de-ara.

Foram 30 cidades cobertas de norte a sul do estado do Maranhão, sendo que a comunicação entre a equipe e as cidades era o município de Bacabal.

O serviço de rádio, instalado pelo governo do estado, retransmitia as minhas reportagens para as rádios Tupi e Difusora de São Paulo.

Com a ajuda do governo estadual, eu enviava para a TV Tupi os filmes em 16mm, que eram colocados no ar na programação jornalística diária da emissora.

Sem dúvida, essa foi a minha maior reportagem do ano de 1969, premiada com louvor, e que faz parte do meu currículo profissional.

Os benefícios levados a cada comunidade pobre do Maranhão foram extraordinários: vacinação em massa, certidões de nascimento, alfabetização, tratamento dentário, além da constru-

ção do matadouro municipal, pela equipe de engenharia, na cidade de Pinheiros, onde nasceu João do Vale, autor de "Carcará".



Foto: Acervo Jornalista Saulo Gomes

Ali foi realizado um trabalho de alfabetização pelas prostitutas, que transformavam, durante o dia, seu local de trabalho em sala de aula. Coube à equipe da Educação esquematizar o trabalho.

Na cidade de Timbiras, os índios Guajajaras tiveram atendimento das equipes de medicina e de assistência social.

Nossa equipe transmitia notícias dos estudantes para as famílias e vice-versa, trazendo, assim, tranquilidade a ambas as partes.

Foi uma das mais gratificantes reportagens da minha vida, que merece hoje ser comentada como lição de brasilidade às novas gerações.

Nossa participação, juntamente com os estudantes e seus coordenadores, foi um aprendizado do qual nunca esqueceremos, lutando por um Brasil melhor.

Parabéns aos dirigentes que hoje honram o trabalho de seus antecessores.

Homenagem à memória do prof. Wilson Choeri e aos 28 universitários do RJ, que desenvolveram esse primeiro trabalho, em Rondônia, em 1967.

HORTA NA ESCOLA: APRENDENDO NA PRÁTICA O CULTIVO DA BOA ALIMENTAÇÃO

ANA PAULA BORN

RONDONISTA E ACADÊMICA DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UFSM-FW

RONIBERTO FARIAS

RONDONISTA E ACADÊMICO DE AGRONOMIA DA UFSM-FW

GIZELLI MOIANO DE PAULA

RONDONISTA E PROFESSORA DA UFSM-FW

Uma escola do campo recém-inaugurada, sem uma horta para o cultivo de alimentos para a merenda escolar, e uma equipe super motivada a ensinar e a deixar algo para a comunidade, uniram as suas ideias e construíram, juntas, uma horta na escola. Os rondonistas da Universidade Federal de Santa Maria-Campus Frederico Westphalen, que participaram da Operação Palmares na cidade de Porto de Pedras/Alagoas, em Julho de 2018, não mediram esforços na hora de colocar a mão na massa e implantar do zero uma horta no Núcleo de Educação do Campo.

A atividade era uma das propostas que o grupo queria desenvolver no município, denominada “Horta na Escola”. Tinha o objetivo de conscientizar os estudantes das escolas locais sobre a importância da alimentação saudável, da diversificação existente de cultivos e da possível fonte de renda com a plantação nas suas residências. Uma das ideias principais do grupo era a criação de hortas nas escolas, para en-



sinar os alunos, na prática, como funciona o plantio e o cuidado com os vegetais, além de ser uma forma de gerar os alimentos para agregar na merenda escolar, cultivando a boa alimentação.

Durante a operação, o grupo conheceu o Núcleo de Educação, a única escola no meio rural, de turno integral,

inaugurada um mês antes da chegada da equipe ao município. A motivação dos rondonistas, então, aumentou, pois teriam a oportunidade de deixar um legado para uma escola que estava no início da sua trajetória, além de tratar-se de uma escola do campo que não possuía nada além de salas de aula.

Diante dessa situação, juntamente com a comunidade acadêmica, construíram uma horta desde o seu início, fazendo a escolha do local desejado, a limpeza da área, a preparação dos canteiros, o plantio das mudas e a irrigação.

Para a execução desse projeto, a Secretaria da Educação da cidade entrou em parceria e comprou as mudas de alface para o plantio. No total, foram plantadas 300 mudas de alface com a ajuda dos estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Em um primeiro momento, foi ensinada a diversidade de alimentos que existem e que podem ser plantados e foi ressaltada a importância do consumo de uma alimentação saudável, composta de diferentes verduras e legumes. No segundo momento, os rondonistas instruíram as crianças para a atividade prática, onde aprenderam como é feito o correto plantio, quando todos ajudaram com a plantação das mais diversas mudas na terra.

Os rondonistas entregaram aos responsáveis da escola a horta pré-trabalhada, sendo necessário apenas o controle das plantas daninhas e a irrigação das mudas. Alguns dias depois do encerramento da operação, os diretores da escola entraram em contato com a professora responsável pela equipe, para mostrar o resultado da horta. As alfaces plantadas foram utilizadas para enriquecer a merenda escolar e distribuídas também para os familiares dos estudantes. Tal ação, iniciada juntamente com a escola, pode, por muitos anos, seguir dando muitos frutos – literalmente.

A satisfação em despedir-se de Porto de Pedras/AL com o sentimento do dever cumprido diante do sucesso das ações promovidas foi unânime na equipe. Roniberto, um dos rondonistas responsável pela horta, relata o seu sentimento após a execução da oficina: “Ao decidir pela oficina Horta na Escola, procuramos apresentar aos agen-

tes locais, professores e estudantes, a vasta gama de alimentos que poderiam ser cultivados no município sem a interferência climática e de fácil manejo. Ao perceber a aceitação, a admiração e o encantamento dos alunos, tanto na escola municipal onde a ação foi também executada, quanto na escola do campo, onde pudemos montar a horta desde o início, foi estimulante perceber que aquelas crianças estavam felizes em aprender a cultivar seus próprios alimentos, que o pouco de ensinamento transmitido para aqueles pequenos cidadãos, com fome de conhecimento, seria repassado em suas casas e para aqueles que não conseguiram participar da oficina.”

As sementes foram plantadas. A satisfação do dever cumprido vem pela percepção de que, apesar de que pudessemos ter feito mais, o que foi realizado terá continuidade e levará qualidade de vida e alimentos saudáveis para toda a comunidade escolar.



UM ANJO FARDADO

FÁBIO BENTES FREIRE

Militares e universitários coexistem com diferenças que os unem mais do que os separam. O militar nasce e cresce civil, a farda não apaga isso. Tudo começa igual, o ponto de partida é o mesmo: a Escola. Futuros advogados, sargentos, comerciantes, diretores, engenheiros, médicos, capitães, pilotos brincam juntos no recreio, chutam a mesma bola, sentam-se lado a lado em carteiras iguais, escutam com atenção, e até admiração, o mesmo professor ou a mesma professora. O militar só torna-se militar e o universitário só torna-se universitário porque são preparados para isso. Apesar de trilharem caminhos profissionais diferentes, partem da mesma nascente. Somos mais parecidos do que imaginamos. O belíssimo Projeto Rondon deixa isso bem claro, unindo a farda e o icônico colete amarelo, levando conhecimento até onde ele precisa chegar. Cada um com o seu papel, pondo em prática sentimentos elevados, de solidariedade, de entrega, de cidadania, de alegria sincera e de sorrisos fáceis, criando, por um momento, uma espécie de Céu na Terra, com direito à gente de boa intenção, de nobres ações, e de um anjo zelando por todos. Um anjo que, por sinal, pode ter muito trabalho, caso um de seus assegurados seja eu.

Dizem as más línguas que, se houver um único buraco no mundo, eu caio nele. Não é bem assim, mas tenho a fama, às vezes, justificada. Em minha primeira participação no Projeto Rondon, em julho de 2014, não caí em nenhum buraco, mas dei um trabalhão para o anjo, o infalível Muniz, militar da marinha que nos acompanhava. Foi assim. O dia havia começado igual aos outros da Operação Guararapes, em Pernambuco. Levantei com a mesma disposição e entusiasmo de sempre, tomei café da manhã e parti ansioso para mais uma maratona de oficinas. A minúscula Lagoa do Ouro, no interior de Pernambuco, recebia o Projeto Rondon e eu debutava junto com a minha colega de departamento, a professora Gabriela, e nossos alunos, oito no total. Era quinta-feira, primeira semana da Operação. Dividíamos as atividades com a UNISUL de Santa Catarina, equipe coordenada pela professora Edinéia. O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) era a casa que nos abrigava, vinte universitários, quatro professores (só eu de homem) e dezesseis alunos. A casa era um lar, porque tínhamos um anjo, de nome Muniz. Insisto, ele tinha nome.

O Projeto Rondon é empolgante. A satisfação com cada etapa cumprida é indescritível. Consigo senti-la de novo, enquanto escrevo essas linhas, mas sou incapaz de traduzi-la

em palavras. Não dá. Mas naquela quinta-feira, no período da tarde, de chuva fina, abençoada, em terra que sofria com a seca, meu pique foi embora. Logo após o almoço, comecei a sentir um cansaço fora do normal, participei das oficinas sem dizer nada, mas não me sentia bem. Lembro-me daquela tarde como a mais longa de todas, porque a hora não passava. Fui dormir exausto, mas, talvez, estaria melhor na manhã seguinte, pensei. Essa foi a minha última lembrança da noite, antes de acordar, ensanguentado, no chão do quarto onde dormíamos, separado das mulheres. Só quem passou por essa experiência sabe dizer quão estranha ela é. Os sentidos não voltam todos de uma vez. Primeiramente, ouvi vozes. Só depois eu consegui ver que havia pessoas ao meu redor. Nunca me lembrei de nada que aconteceu. O episódio continuou sendo, até hoje, uma ausência completa na minha linha do tempo. Poucas vezes me senti tão perdido e fora de órbita em minha vida.

Foi aí que o anjo Muniz entrou em cena. Aconteceu o seguinte: eu acordei de madrugada para ir ao banheiro, desmaiei logo na entrada e bati forte com a cabeça em uma quina. As marcas de sangue falavam por si. Depois de um certo tempo, não sei quanto, voltei para o quarto e apaguei de novo, caindo ao lado

de um aluno, que só não enfartou porque era muito jovem. Quando retomei plena consciência, o Muniz já vestia seu uniforme da Marinha, visão que me acompanhará até o túmulo. As Forças Armadas acertaram na escolha desse militar para que ficasse à nossa disposição. Por ser diabético, a tal da ausência me deixou bem desarticulado. Coube, então, ao anjo Muniz, providenciar a ambulância que me levou para Garanhuns e a posterior assistência médica. Não bastasse, ele acompanhou cada um dos sete pontos que eu levei na cabeça e, graças à sua insistência, foi feito um raio-X do crânio, sob protestos. O Muniz não deu trégua, falando pouco, mas falando firme e certo. Graças a ele, tive tudo o que eu precisava naquele momento. Mais

do que isso, tive um irmão ao meu lado, tão próximo quanto possível.

Eu vestia meu coletinho amarelo do Projeto Rondon e o Muniz usava um uniforme da Marinha, que não era branco. Militares e universitários não são tão diferentes assim. Lá se vão quase cinco anos desse episódio, mas é impossível para mim conter a emoção com a lembrança, tamanha foi a confiança de que tudo daria certo, quando recobrei a consciência, ainda deitado no chão. O peso da farda me passou uma tranquilidade tremenda, quase imediata. Mais que um anjo, um arcanjo, como tinha que ser.

Logo que voltei para casa, após o término da Operação Guararapes, fiz uma bateria de exames e descobri que, muito provavelmente, o que ha-

via causado o desmaio foi uma desidratação, agravada pela diabetes. Poderia ter sido algo bem sério, mas felizmente não foi, pois o bravo marinha Muniz zelava por nós, naquela noite escura e distante, em Lagoa do Ouro, agreste de Pernambuco.

O que restou disso tudo pode ser resumido em uma palavra: gratidão. Gratidão pelo militar que deveria nos acompanhar, e foi mais que um acompanhante: foi amigo, foi irmão, foi anjo da guarda. Uma palavra é pouco, preciso de mais uma para fechar com chave de ouro essas memórias tão boas. Vou usar aquela que deve ser usada entre homens de bem, profissionais sérios que trabalham dentro da ética, uma palavra que nunca pode ficar de lado, que soa bem, e eu gosto: RESPEITO!



Foto: Arquivo do Projeto Rondon



PROJETO

RONDON

Lição de vida e de cidadania

